

A Identidade da Cor em Luandino Vieira e Luís Bernardo Honwana
The identity of the color in Luandino Vieira and Luis Bernardo Honwana

Pedro Henrique Gomes Paiva¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Tendo como princípio norteador as discussões difundidas por Homi Bhabha, Hanna Arendt e Stuart Hall acerca dos conceitos de cultura, raça, identidade e pós-colonialismo voltamos o olhar para a realidade histórica e social de Angola e Moçambique e buscamos realizar uma análise literária e sociológica dos contos “As mãos dos Pretos”, de escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana; “A fronteira de asfalto” e “Zito Makoa, da 4ª classe”, do escritor angolano José Luandino Vieira. Nosso objetivo foi tentar desvelar o lugar de fala dos personagens dos contos, nos três casos crianças negras e brancas, considerando as relações intersticiais promovidas nas narrativas nas quais estes personagens atuam. Estabelecemos uma relação entre a literatura e a história dos dois países, colônias portuguesas, enquanto países que sofreram com diversos conflitos políticos e sociais em decorrência do processo de colonização. Neste cenário conturbado e atingido por constantes guerras, verificou-se a representação de situações em que o encontro de diferentes culturas acaba gerando um espaço de conflitos sociais entre os sujeitos deste processo, como os preconceitos raciais e de classe, e o surgimento de entidades repressoras que interferem na vida social realocando as identidades frente às diferenças culturais latentes. Especificamente, quando todos os conflitos são transferidos, nos contos, para o universo da infância, período de transição em que o indivíduo sofre diversas influências que poderão agir simultaneamente para definir a sua personalidade e a sua identidade, estas entidades repressoras agirão como formadores da consciência das novas gerações.

Palavras-chaves: Literatura; Angola; Moçambique; Identidade; Raça.

Abstract: Having as guiding principles the discussions widespread by Homi Bhabha, Hanna Arendt and Stuart Hall about the concepts of culture, race, identity and post colonialism we turned our eyes to the historical and social reality of Angola and Mozambique, we made a literary and sociological analysis of the short stories "The hands of the Blacks", by the Mozambican writer Luis Bernardo Honwana; "A fronteira de asfalto" and "Zito Makoa, da 4ª classe", by the Angolan writer José Luandino Vieira. Our goal was to try to reveal the place of speech of the characters of the stories, in all them of black and white children, considering the interstitial relations promoted in the narratives in which these characters act. We established a relationship between literature and history of the two countries, Portuguese colonies, as countries that suffered various political and social conflicts as a result of the colonization process. In this troubled scenario and hit by constant wars, we noticed that the representation of situations where the confluence of different cultures ends up creating a space of social conflicts among the subjects of this process, such as racial and social class prejudice, and the emergence of repressive entities that interfere with social life and reallocating the identities in front of latent cultural differences. Specifically, when all conflicts are transferred, in the short stories, to the childhood universe in a period of transition in which the individual suffers from various influences that may act simultaneously to define his personality and identity, these repressive entities act as formers of consciousness of the new generations.

Keywords: Literature; Angola; Mozambique; Identity; Race.

¹Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins em 2014 e Mestrando em Letras – Literatura pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: pedropaiva1202@gmail.com

Submetido em 07 de julho de 2016.

Aprovado em 03 de setembro de 2016.

Introdução

Durante o imperialismo, a suposta supremacia da raça branca, sobretudo europeia, foi utilizada como uma justificativa para a violência e opressão praticadas pelos colonialistas que invadiram e dominaram o continente africano, subjugando os povos que ali habitavam, não só com a sua força bélica, mas também com a imposição de uma cultura estrangeira sobre a cultura nativa. Uma poderosa forma de oprimir um povo é fazê-los acreditar o quanto são inferiores, o quanto seu modo de vida é precário, o quanto precisam da interferência estrangeira para se tornar um povo melhor. Portanto, utilizando-se dos discursos autorizados pela religião, pela ciência e pela crença, o continente africano, ao longo da história, constantemente subjugado e explorado acabou sendo dividido entre os impérios europeus, sofreu constantes guerras em seu território e acabou, por fim, de certa forma, abandonado à própria sorte.

Louis Althusser (1999), em *Aparelhos Ideológicos do Estado*, observa que para o Estado conseguir fazer com que os indivíduos ajam de acordo com o esperado, ele utiliza-se de instrumentos de controle distintos. Esses instrumentos, chamados por ele, de aparelhos repressivos e aparelhos ideológicos, mantêm-se pela violência e diferenciam-se de acordo com seus modos de ação. Assim sendo, os aparelhos repressivos, como o próprio nome sugere, são baseados na repressão física; já os ideológicos, na submissão dos homens ao discurso ideológico dominante, norteando suas ações por princípios de sanção, seleção e exclusão. Difundida pelas igrejas, escolas, sindicatos, meios de comunicação, leis, cultura etc.; dessa forma, a ideologia do Estado penetra, sob diversas maneiras, na mentalidade do povo, determinando comportamentos. (OLIVEIRA E PEDRO, 2013, p. 816).

Os aparelhos repressivos e ideológicos do Estado também se aplicam aqui no contexto do imperialismo, referente ao império e à colônia. A repressão e a imposição ideológica também acontecem de forma a penetrar a mentalidade da população, fazendo com que os colonizados ajam de acordo com o que esperam os colonialistas. Estes aparelhos repressivos e ideológicos estão representados nos contos analisados em diversos espaços sociais, na escola, com os professores e colegas, na igreja, com os padres e demais catequizadores, e na família, com os pais, tios e avós, etc.

Na primeira parte deste trabalho buscou-se analisar o conto de Luís Bernardo Honwana, escritor Moçambicano, “As mãos dos pretos” e como as falas dos

personagens representam as vozes repressoras da identidade, seja validando o discurso étnico-racial ou reafirmando a dicotomia entre colonizador e colonizado. Na segunda parte do artigo, analisamos os contos “A fronteira de asfalto” e “Zito Makoa, da 4ª classe”, ambos do escritor angolano José Luandino Vieira, e como os personagens secundários na narrativa agem de forma repressora na tentativa de impedir a manutenção de uma amizade inter-racial entre duas crianças. Nos dois contos de Luandino a presença repressora dos professores e da família é fundamental para a formação do caráter das protagonistas de forma a contribuir para uma fragmentação da identidade dos sujeitos, realocando-os na sociedade, pois encontravam-se até então em lugares intersticiais, enquanto jovens, enquanto desprovidos de preconceitos raciais e de classe.

1 Duas cores, um só corpo

No conto de Luíz Bernardo Honwana, “As mãos dos pretos”, publicado em 1980, temos uma profunda discussão acerca da razão de as mãos dos pretos serem mais claras que o restante de seu corpo. O debate é direcionado e apresentado através da narrativa de uma criança, inicialmente não identificada nem como branca nem como preta. Por trás da aparentemente inocente curiosidade de uma criança, o autor desvela um dos principais problemas da África colonial: o racismo. Não só o racismo puramente dito, mas o racismo justificado pelo discurso científico e religioso do imperialismo.

A protagonista começa a refletir sobre a questão primeiramente a partir de uma afirmação dada pelo professor:

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. (HONWANA, 2010, p. 24).

Este primeiro comentário, notadamente racista, compara os homens pretos aos animais, como uma forma de diminuir a humanidade destas pessoas, colocando-as em uma posição de submissão, ou seja, com as mãos apoiadas ao chão, em oposição aos homens brancos que sempre andaram altivos, eretos e imponentes. Não se sabe se o professor era um homem branco ou negro, mas pode-se deduzir que fosse branco, pois dificilmente um homem negro receberia alguma posição de respeito na colônia. A

explicação do professor está voltada para a ciência, aproximando-se da teoria de que os seres humanos teriam derivado dos primatas.

O narrador, que até agora não fora identificado como branco ou preto, lembra-se desta observação feita pelo Padre na catequese:

que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar. (HONWANA, 2010, p. 24).

O trecho, referindo-se aos pretos em terceira pessoa, deixa a entender que o narrador não seja pertencente a este grupo, podendo ser ou branco, ou ainda mestiço, mas não esclarece, pois poderia ser apenas a reprodução do discurso do padre que, por sua vez seria branco. O Padre, como um representante da igreja e dos dogmas do cristianismo, trás ao narrador uma explicação religiosa para o problema da cor das mãos dos pretos.

Após estas duas razões diferentes, uma no âmbito educacional e outra no meio religioso, o menino passa a interrogar várias outras pessoas sobre o assunto, a fim de chegar a uma resposta congruente.

Assim ele apresenta as respostas dadas por diferentes personagens adultos da vila em que vive

Dona Dores, responde “que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.” (HONWANA, 2010, p. 24). Este comentário, carregado de preconceito e racismo, assume que as mãos dos pretos sejam por natureza mãos sujas, e afirma ainda que sua natureza seria de seres que vieram ao mundo para servir aos brancos, e tem como a servidão a única finalidade de suas vidas. O pronome de tratamento “Dona” coloca a personagem em uma posição de superioridade, de alguém que manda, que dá ordens, que tem posses. Logo, só poderia ser uma personagem também branca, o que explicaria o seu ponto de vista no contexto colonial.

Segundo afirma o senhor Antunes da Coca-Cola, assim tinham sido criados os pretos por meio das mãos santas e divinas:

Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum, ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?!... (HONWANA, 2010, p. 25).

A citação acima revela na explicação de cunho mitológico que, por mais que tenham sido criados pelo mesmo Deus, brancos e negros não tiveram as mesmas oportunidades desde a criação, logo não houvera espaço para os negros nos fornos celestes, cabendo-lhes, portanto o lugar à margem, nas chaminés, de onde teriam herdado a cor escurecida de fumaça.

O senhor Frias, na tentativa de desmentir a todos os outros vai afirmar:

Que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os logo tomar banho num lago lá do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e à essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. (HONWANA, 2010, p. 25).

Cada uma das três explicações dadas por pessoas da comunidade vai se basear em mitos e lendas populares de certo cunho religioso. São narradas como anedotas, ouvidas desde a infância e inventadas por não se sabe quem. Os mitos não têm, portanto, nenhum valor científico ou histórico que lhes conceda autenticidade, assim como são a maioria dos mitos, criados para explicar as coisas que não têm explicação.

Dona Estefânia, outra personagem, acredita que as mãos dos pretos sejam, não brancas, mas desbotadas de tanto serem lavadas, em contraposição, ao que o narrador lera sobre o caso, de as mãos deles serem brancas por trabalharem apanhando o algodão branco de Virgínia ou de qualquer outro lugar. Nos dois casos, temos a referência ao trabalho dos negros, seja nas cozinhas das casas coloniais, onde as mãos devem ser lavadas constantemente, seja nos campos de algodão, onde o trabalho é estafante e as condições de vida precárias, relativas ao uso da mão de obra escrava por grandes proprietários.

Nas falas dos diversos personagens citados acima, a diferença de opiniões é latente, por isso é importante considerar quem está falando e a partir de que lugar este personagem fala. De qualquer forma, a fala de todos os personagens acabam por influenciar as ideias que a criança vai formando acerca de si, se ela ficasse satisfeita com a primeira resposta que lhe deram, isto poderia moldar o seu comportamento a

partir dali, porém ela vai em busca de outros pontos de vistas. Como propõe Hall (2015) a identidade

é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2015, p. 12).

Assim, a criança, sofre deslocamento contínuo da sua identidade no conto, quando busca considerar diversas opiniões acerca das mãos dos pretos. As pessoas que lhes falam já estão formadas, são adultos, professores, padres, mulheres, homens, que já passaram por todo o processo de formação e agora reproduzem para uma criança aquilo em que acreditam, conforme o que lhes foi ensinado.

Por fim, a explicação que mais satisfaz a curiosidade do menino é a dada por sua própria mãe, que de forma singela e humilde vai tocar a consciência da criança e, mesmo que embasado em um discurso religioso, tenta ressaltar o caráter de igualdade entre as raças aos olhos de Deus:

Deus fez os pretos porque tinha de os haver. [...] Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. [...] Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 2010, p. 26).

Utilizando, novamente, uma base religiosa sobre a qual constrói o seu discurso, a mãe do menino declara, em outras palavras, que os homens são iguais, independente das cores e que o que eles fazem também não tem a ver com a cor que carregam, pois todas as mãos são da mesma cor. Após o discurso da mãe, o narrador afirma: “Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos.” Este trecho deixa aberta para interpretações a verdadeira cor do menino. No entanto, podemos entender que, talvez, o autor, tenha omitido esta informação, justamente de propósito, para reafirmar sua teoria, expressa pela boca da mãe, de que a cor não importa. Sendo assim, não importa se é um branco ou um negro se questionando sobre a razão de as mãos dos pretos serem brancas, pois a

curiosidade poderia partir de qualquer um, e a importância do texto está em o leitor poder se identificar com o personagem a ponto de pensar que ele próprio poderia estar se fazendo esta pergunta agora mesmo e tentando alcançar a resposta junto com o protagonista.

2 As fronteiras entre a amizade e a cor

Dentro da perspectiva dos estudos culturais, Stuart Hall discorre sobre o termo identidade no livro *Identidade e diferença* (2008), organizado por Tomaz Tadeu da Silva. Neste texto ele afirma que a identidade é marcada pela diferença, assim como depende dela, ou seja, você só passa a ser um indivíduo e a se identificar como tal quando se coloca em oposição a outro e quando este outro é diferente de você. Hall (2008) afirma ainda que a identidade é tanto simbólica quanto social. Os indivíduos só podem se reconhecer pertencentes a um grupo quando compartilham da experiência de vida em sociedade, apreendendo os costumes e as crenças de um grupo social no qual se inserem, para assim poder compartilhar da sociabilidade deste grupo. Para Hall (2008, p. 39 - 40).

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença.

Afirmar que a identidade depende da diferença é assumir que, ao mesmo tempo em que o homem, como um sujeito social, busca o pertencimento a um determinado grupo ou a vários grupos simultaneamente, também necessita diferenciar-se de outros grupos para se reconhecer como indivíduo pertencente, mesmo que para isso, tenha que recriar o antigo sistema de pirâmide social baseada na divisão de classes, onde a que está no topo considera-se superior às demais.

O conto de Luandino Vieira “A fronteira de asfalto” transfere para o espaço da narrativa o ambiente de segregação vivido em Angola durante e após o período colonial, onde brancos e negros não podiam fomentar nenhum tipo de relacionamento íntimo. O contato entre brancos e negros deveria continuar reproduzindo a relação entre senhor e escravo. Ao trazer a questão para o universo infantil, Luandino consegue problematizar o assunto, salientando a incompreensão que as crianças apresentam quanto a

impossibilidade de manterem uma amizade inter-racial, cujos motivos parecem fazer sentido apenas no mundo dos adultos.

No trecho a seguir percebemos como a fala do personagem Ricardo, um menino negro e pobre, deixa transparecer a sua total incompreensão para com o que está acontecendo com a amizade que tinha desde a infância com a personagem Marina, uma menina branca.

– Marina, lembras-te da nossa infância? – e voltou-se subitamente para ela. [...] A pergunta que o persegue há meses saiu, finalmente. – e tu achas que está tudo como então? Como quando brincávamos à barra do lenço ou às escondidas? Quando eu era o teu amigo Ricardo, um pretinho muito limpo e educado, no dizer da tua mãe? Achas... [...] –... que eu posso continuar a ser teu amigo... [...] – que a minha presença na tua casa... no quintal da tua casa, poucas vezes dentro dela! não estragará os planos da tua família a respeito das tuas relações... (VIEIRA, 2007, p. 40).

Na fala de Ricardo, ressentido pelo afastamento e pela frieza repentina de Marina, fica evidente o discurso da mãe de Marina, denominando-o como um “pretinho muito limpo e educado”, ou seja, que apesar de ser preto, poderia brincar, enquanto criança, com a sua filha, mas sempre às escondidas, na cozinha ou no quintal, nunca aos olhos da vizinhança, na rua. “A minha mãe era a tua lavadeira. Eu era o filho da lavadeira. Servia de palhaço à menina Nina.” (VIEIRA, 2007, p. 41). Quando, porém, Marina cresce, a relação entre os dois amigos não pode mais continuar da mesma forma. Existe uma pressão social para que ela deixe de se relacionar com o negro, filho da empregada.

– Ricardo – disse a menina das tranças loiras – tu dissestes isso para quê? Alguma vez te disse que não era tua amiga? Alguma vez que se te abandonei? Nem os comentários das minhas colegas, nem os conselhos velados dos professores, nem a família que se tem voltado contra mim... (VIEIRA, 2007, p. 40 - 41).

Neste trecho da fala de Marina, notadamente ressentida pela incompreensão do amigo, percebemos que ela está sofrendo pressão por todos os lados, em todos os lugares que frequenta as pessoas esperam que ela se comporte como uma menina branca, ou seja, que não tenha nenhum tipo de relação amigável com negros. Seja na família, seja na escola, na fala das outras colegas ou até mesmo dos professores, Marina é pressionada para se afastar o quanto antes de Ricardo, pois a relação entre os dois poderia lhe prejudicar, principalmente prejudicar as suas relações no universo social dos

brancos, agora que ela é quase uma moça e já começará a despontar interesse aos olhos dos rapazes que procuram casamento.

A pressão da família era a que mais afetava Marina. Apesar de não deixar transparecer para Ricardo que ela estava se afastando dele conscientemente, a menina também sofria por não compreender a necessidade desse distanciamento. “Porque é que ela não podia continuar a ser amiga dele, como fora em criança? Porque é que agora era diferente?” (VIEIRA, 2007, p. 42). As reflexões da personagem denotam um certo grau de ingenuidade sobre as questões raciais, um modo de ver o mundo ainda imaculado, concernente à infância, mas também, podem representar um jeito novo de enxergar o mundo, sem a segregação racial imposta. Neste caso, Marina representaria uma nova geração que olha para negro com um olhar humanizado, que não vê distinção de raça ou cor.

Figurativamente, existe uma fronteira que separa o universo de Ricardo do universo de Marina. Esta fronteira, na verdade sempre existiu, mas para o casal de amigos ela era facilmente ultrapassada na infância, porém, agora já não mais. O asfalto que separa o bairro de Marina e de Ricardo representando, no conto, o progresso que chega apenas para um lado da cidade, o lado dos brancos, é o principal demarcador de limites. Do asfalto para lá é o espaço reservado aos negros, e de lá eles só podem sair a serviço dos brancos, que vivem do lado de cá, como se vivessem em um pequeno pedaço de Portugal na colônia.

Ricardo, habitando entre estes dois espaços, o da riqueza e o da pobreza, constantemente se pergunta por que existe tanta diferença, ele se coloca na fronteira e observa os dois lados se contrapondo em excessos.

Virou os olhos para o seu mundo. Do outro lado da rua asfaltada não havia passeio. Nem árvores de flores violeta. A terra era vermelha. Piteiras. Casas de pau-a-pique à sombra de mulembas. As ruas de areia eram sinuosas. Uma ténue nuvem de poeira que o vento levantava cobria tudo. A casa dele ficava ao fundo. Via-se do sítio donde estava. Amarela. Duas portas, três janelas. Um cercado de aduelas e arcos de barril. (VIEIRA, 2007, p. 40).

Este era o mundo de Ricardo, tão próximo e tão distante do mundo de Marina, mas que nunca se tocariam. Porque entre ambos havia uma fronteira, uma linha de asfalto demarcando o lugar de cada um. A miséria em que viviam os negros, representados aqui por Ricardo, ao descrever seu bairro, contrasta com a beleza e a riqueza do bairro dos brancos, ressaltando a desigualdade social e econômica na

colônia, onde os colonialistas portugueses, brancos, tinham inúmeros privilégios e era a principal força repressora que marcava a presença do império tão longe da coroa portuguesa.

Na insistência de transgredir esta fronteira estabelecida, Ricardo, tentando falar com Marina, acaba por ser confundido com um ladrão e é perseguido por policiais, provocando assim a sua morte.

Estava um luar azul de aço. A lua cruel mostrava-se bem. De pé o polícia caqui desnudava com a luz da lanterna o corpo caído. Ricardo, estendido do lado de cá da fronteira, sobre as flores violeta das árvores do passeio. (VIEIRA, 2007, p. 44).

A morte de Ricardo é simbólica, pois ele morre exatamente na fronteira, no interstício criado para separar os dois mundos, limite ao qual ele não podia ultrapassar, muito menos pelo motivo que justificava a sua vinda até ali àquela hora da noite: falar às escondidas à janela do quarto, com uma menina branca. A força repressora dos policiais que o perseguem não procuram saber nem o motivo pelo qual o menino estaria ali. Quando a lanterna dos policiais ilumina uma pele negra, fica claro que o que eles devem fazer é persegui-lo, movidos pelo racismo na sua forma mais crua. Consciente disso, Ricardo foge, sabe que não adianta tentar se explicar, pois, de alguma forma, apesar da sua inocência, ele tem o claro discernimento de que, enquanto negro, nenhuma justificativa abrandará o castigo, caso seja capturado pelos policiais.

Para Hanna Arendt (2010) o racismo não é uma ação irrefletida, mas uma ideologia imposta e reproduzida conscientemente:

O racismo, seja branco ou negro, está impregnado de violência por definição por objetar contra fatos orgânicos naturais – uma pele branca ou negra – que não poderiam ser mudados de modo algum; tudo o que se pode fazer, jogadas as cartas, é exterminar os donos dessas peles. O racismo, distinto da raça, não é um fato da vida, mas uma ideologia, e as ações a que leva, não são ações reflexas, mas atos deliberados baseados em teorias pseudocientíficas. (ARENDR, 2010, p. 48).

Assim baseados no racismo, muitos tentariam justificar a atitude dos policiais de perseguir o menino negro, por ele estar apresentando uma atitude suspeita, porém, a atitude não seria tão suspeita para os policiais se a cor de sua pele não fortalecesse essa ideia. Conforme afirma Arendt (2010), a violência do racismo está principalmente no fato de ela se voltar contra fatos orgânicos imutáveis da natureza humana, ou seja, um

negro não pode deixar de ser negro quando percebe que sua cor não agrada a maioria das pessoas, nisto está a principal insanidade perpetuada pelo racismo.

Na mesma linha do pensamento de Arendt (2010), Stuart Hall (2015) vai situar a questão racial no campo do discurso, uma vez que o preconceito racial se manifesta e se propaga principalmente por meio da linguagem.

a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. [...] A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2015, p. 36 - 37).

O caráter discursivo da raça pode justificar inclusive a incompreensão apresentada pelos personagens infantis no conto “A fronteira de asfalto”, uma vez que eles, enquanto crianças, ainda não são completamente capazes de enxergar a diferença racial como um impedimento para a sua amizade, o que poderá vir a acontecer com a insistência por parte da família e da escola em reproduzir na criança o discurso da discriminação racial. Marina, impulsionada principalmente pela mãe, poderá, um dia enfim, acreditar que ser amiga de um negro não é coisa boa, por mais que não encontre justificativa plausível para esta lógica, no entanto, como membro de um grupo social ela precisa se adequar às regras por este grupo impostas.

Nota-se a mesma pressão ideológica sobre o construto social do conceito de raça nos personagens do conto “Zito Makoa, da 4ª classe”, também de Luandino Vieira. Neste conto, verificamos novamente a presença de uma amizade transgressora entre dois personagens infantis, Zeca, branco e Zito, negro.

No conto “Zito Makoa, da 4ª classe”, José Luandino Vieira transfere para o espaço disciplinar escolar as questões sociais que afligem Angola durante a colonização. Neste espaço da narrativa, onde as relações de força e poder se evidenciam, as crianças reproduzem o discurso disseminado pelos adultos responsáveis por sua educação, e muito provavelmente, as falas compartilhadas no espaço privado das casas. Luandino constrói um narrador onisciente de terceira pessoa, cuja voz algumas vezes se confunde com as dos personagens, sendo impossível definir quem fala nesses momentos. Apesar de o narrador não assumir abertamente um discurso politizado, percebe-se – na

construção das cenas e das personagens – um tom de denúncia social e representação da violência cultural, física e verbal provenientes da colonização.

No início do conto a professora adentra a sala de aula e há uma confusão instaurada, uma briga entre dois alunos, Bino e Zito. Temos, então, a primeira dicotomia. Bino representa o homem branco, filho de portugueses e Zito representa o negro filho de nativos angolanos. Outra relação que se pode fazer entre os dois personagens é a de colonizador e colonizado, respectivamente. Bino reproduz um discurso de ódio contra o menino negro, sem perceber a contradição da qual faz parte – Bino age como se o espaço escolar não fosse um lugar para um negro, como se a escola e, por consequência, a Angola, pertencesse aos brancos, aos portugueses.

assim que a campainha do recreio gritou, na confusão da brincadeira da saída atrás da professora, Bino pôs logo um soco nas costas de Zito.

- Possa, negro! Não vês os pés dos outros?

Era mentira ainda, Zito estava na frente, não podia lhe pisar. Isso mesmo refilou o Zeca logo, adiantando no meio dos dois. E aí Zito sorriu seu sorriso gordo e tirou o amigo.

- Deixa só, Zeca! Esse gajo anda-me procurar ainda. Chegou a hora!

Riu Bino, riu de cima da sua estatura de mais velho e arreganhou-lhe:

- O quê? Queres pelear? Ponho-te branco! (VIEIRA, 2010, p. 124).

Todo o texto, metafórico, parece reproduzir a relação estabelecida entre Portugal e Angola, durante o período colonial. Bino serve-se da violência para invadir o espaço físico do outro, agredindo-o nas costas, e utiliza a mentira de que Zito havia lhe pisado os pés para dar início a uma disputa. Sugere ainda que se o negro quiser brigar, ele (Bino) o porá branco, fazendo uma alusão ao fato de o colonizador utilizar a violência para forçar o colonizado a se submeter às normas e condutas estabelecidas pelos brancos. Entre as duas figuras opostas na disputa, surge o personagem Zeca, representando o branco, filho de portugueses, porém simpatizante dos nativos angolanos.

Assim como Marina e Ricardo, a amizade entre Zeca e Zito é uma relação fraterna, que escapa ao modelo hierárquico geralmente construído entre negros e brancos no espaço colonial. No momento da disputa, Zeca reconhece o erro e a mentira de Bino e se põe ao lado da causa que ele considera mais justa, ou seja, do lado de Zito.

Pode-se pensar este ambiente escolar como o local de contato que, segundo Bhabha (1998, p.20), é o *entre-lugar*, um espaço subjetivo em que as “experiências intersubjetivas de nação, o interesse comunitário, ou o valor cultural são negociados”. Vivendo nesse *entre-lugar* de negociações, Zeca é um sujeito deslocado ao vivenciar

um não pertencimento duplo, pois seus iguais não o aceitam por suas afinidades com o outro grupo cultural ao qual não pertence. Sua cor não permite que Zeca seja identificado como um angolano nativo, e suas ideias o diferem dos filhos dos portugueses brancos como ele, por não compactuar a violência e o ódio que eles têm pelos negros.

Os dois contos de Luandino se aproximam em muitos aspectos, por se tratar de duas histórias em que os protagonistas são crianças negras, Zito e Ricardo, e ambos fomentam uma amizade com personagens brancos, no caso de Ricardo, a amizade poderia ir um pouco mais além, talvez até na possibilidade de uma paixão infantil, porém que não chega a ser concretizada.

Os finais dos dois contos se aproximam, terminando de forma parecida, no caso de Ricardo, que é morto numa perseguição policial, o final é trágico, assistido apenas por Marina, sua amiga, que assiste tudo da janela do seu quarto, do interior do seu mundo, ela só pode gritar e sofrer. No caso de Zito, a questão não é tão determinista, pois ele também é punido, mas de forma menos fatal, Zito recebe uma surra do diretor da escola, apesar da tentativa de Zeca em lhe ajudar. Zeca, no entanto, pode apenas observar de fora, separado também por uma janela, o sofrimento e a resignação do amigo punido injustamente por ser negro.

Em ambos os contos, ainda a força repressora se repete na figura dos professores de Marina e de Zeca que insistem para que eles se afastem dos amigos negros, ameaçando inclusive de denunciá-los aos seus pais.

A presença da figura do professor nos três contos, incluindo agora o de Honwana, não é despropositada, pois a educação na colônia teve papel fundamental na disseminação da ideologia portuguesa, por consequência racista, escravista, discriminatória.

Considerações finais

Estabelecemos uma relação entre a literatura e a história dos dois países africanos, colônias portuguesas, enquanto países que sofreram com diversos conflitos políticos e sociais em decorrência do processo de colonização. Neste cenário conturbado e atingido por constantes guerras, verificou-se a representação de situações em que o encontro de diferentes culturas acaba gerando um espaço de conflitos sociais entre os sujeitos deste processo, como os preconceitos raciais e de classe.

A subjugação de um povo por meio da diferença racial é um tipo de “arma” discursiva utilizada pelos colonizadores para convencer os objetos de sua conquista que estes pertencem a uma raça inferior e, portanto, precisam aceitar a sua posição de inferioridade perante o grupo dominante. O período colonial teve seu fim na África, mas as consequências das violências impostas às nações africanas ainda podem ser percebidas até hoje. Em substituição aos problemas de exploração da colônia, surgiram diversos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais, que levarão anos até serem adequadamente sanados.

A história de Angola e de Moçambique, como a de muitos outros países colonizados pelos europeus, também foi marcada pela exploração, dominação, violência e imposição cultural e religiosa, em nome de uma humanização dos povos primitivos, em nome de civilizar a barbárie das colônias.

Os efeitos desse processo devastador, além das sangrentas guerras pela libertação, gerados pela imposição da cultura do invasor aos povos colonizados – suas leis, sua religião, as escolas, vestimentas, etc. – reforçavam a ideia de que o modo de ser e viver do branco era superior ao do negro em todos os seus sentidos. Mesmo quando havia uma troca de saberes e costumes isto não se dava de forma justa ou balanceada, mas sim causando uma desapropriação da identidade da colônia num primeiro momento e posteriormente levando este povo, nascido na colônia, sejam filhos nativos ou de colonizadores, a empreender uma busca por uma nova identidade, reagrupando-se e reorganizando-se de forma a conciliar as manifestações culturais remanescentes e agregadas em nome de uma nacionalidade.

A representação dos personagens nos contos analisados desvela de forma crítica as relações estabelecidas entre os sujeitos pós-coloniais, especialmente no tocante às questões de cor ou raça. Estas relações conturbadas entre negros e brancos em Angola e Moçambique são, ainda hoje, consideradas temas complexos e delicados. Ainda, o problema de classe nos dois países fica claro quando levamos em consideração também os problemas de cor e nacionalidade, pois tudo parece estar relacionado, a maioria dos nativos negros pertence a uma classe social mais pobre, bem como a maioria dos brancos na colônia pertencem a uma classe de poder aquisitivo e posição social mais elevada em decorrência do prestígio atribuído ao descendente do colonizador europeu.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Sobre a Violência*. Trad. André de Macedo Duarte. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos Culturais*. 8 ed. - Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HONWANA, Luís Bernardo. *As mãos dos pretos*. In Contos africanos dos países de língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2010.

OLIVEIRA, F. de P. Lessa e PEDRO, F. R. de Souza. *Silêncio, vozes, opressão e liberdade* (através da escrita): reflexões sobre “Zito Makoa, da 4ª classe”, de Luandino Vieira e “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto. Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 05. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

VIEIRA, Luandino. A fronteira de asfalto. In: *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 37 - 44.

_____. *Zito Makoa, da 4ª classe*. In Contos africanos dos países de língua portuguesa. São Paulo: Ática, 2010.